



## **Mulheres rurais e tecnologias sociais: uma grande aliança dos sistemas agroflorestais e da restauração produtiva**

*Rural women and social technologies: a great alliance of agroforestry systems and productive restoration*

PEREIRA, Gabrielle M. R.<sup>1</sup>; FONTELLA, Gabriele F.<sup>2</sup>; PAIM, Camila T.<sup>3</sup>; ROVEDDER, Ana P. M.<sup>4</sup>; CRODA, Jéssica P.<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> UFSM, [gabimrico@gmail.com](mailto:gabimrico@gmail.com); <sup>2</sup> UFSM, [gabsfaverzanim@gmail.com](mailto:gabsfaverzanim@gmail.com), <sup>3</sup> UFSM, [camilatavarespaim@gmail.com](mailto:camilatavarespaim@gmail.com), <sup>4</sup> UFSM, [anarovedder@gmail.com](mailto:anarovedder@gmail.com) <sup>5</sup> UFSM, [jessica.croda@hotmail.com](mailto:jessica.croda@hotmail.com)

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Gênero, feminismos e diversidade na construção agroecológica**

**Resumo:** O presente trabalho analisou a potencialidade da participação da mulher rural nas ações de popularização de sistemas agroflorestais. O estudo foi realizado nos municípios de Dona Francisca, Agudo, Faxinal do Soturno e Nova Palma, pertencentes ao Corredor Ecológico da Quarta Colônia, no Rio Grande do Sul. Por meio de entrevistas semi-estruturadas, obteve-se um total de 96 questionários, com as questões que abordaram o papel da mulher na propriedade, o conhecimento sobre o termo “sistemas agroflorestais”, a presença de quintais/pomares, diversificação produtiva nas propriedades rurais, o interesse em implantar agroflorestas e o conhecimento tradicional em relação às espécies medicinais. Entre entrevistados, 61,4% eram mulheres, 28,1% homens e 11,5% o casal. Desses, 80% demonstraram interesse na implantação de agrofloresta e em participar de ações e programas de popularização da técnica. Além disso, 85% dos entrevistados responderam que a mulher atua nas atividades domésticas e na lavoura e 12% responderam que a mulher trabalhava exclusivamente com atividades domésticas ou na cidade. Durante a realização deste trabalho, obtiveram-se conclusões sobre a autonomia feminina através dos quintais, com abordagem relacionada ao aumento de segurança alimentar e a possibilidade de manejo agroecológico de espécies com usos múltiplos (alimentar, energético, medicinal, entre outros). As ações de extensão rural e a existência de políticas públicas com foco na permanência das comunidades rurais no campo podem potencializar processos de diversificação produtiva, popularização de agroflorestas e a melhora na qualidade de vida.

**Palavras-chave:** tecnologias sociais; mulheres rurais; sistemas agroflorestais; quintais agroflorestais; agroecologia.

#### **Introdução**

As mulheres rurais são agentes de manutenção da agrobiodiversidade graças às suas raízes ancestrais que carregam e detêm de saberes populares, com suas plantas medicinais e preparos do alimento da família, manejando seu pomar e sua horta ao redor da casa. Colaboram, assim, para o desenvolvimento de variedade produtiva, garantindo a diversidade ecológica e nutricional da família. Segundo Jalil (2019), o quintal no entorno da casa é a grande escola ou até o “laboratório de



experimentações” da mulher. Lá, ela é a protagonista nos processos e aprende sobre o cultivo das sementes, ervas e sobre criação de animais. É onde se maneja as interações ecossistêmicas e onde ocorrem muitas trocas sociais, tornando o quintal um local de lazer e de autonomia dentro do seu contexto familiar.

Garantir a autonomia e a inclusão social na agricultura familiar é fundamental para a redução da pobreza e do êxodo rural, melhorando o acesso à vida digna e à segurança e soberania alimentar. Nessa perspectiva, os sistemas agroflorestais (SAF) contribuem para o desenvolvimento de uma agricultura mais sustentável (PENEIREIRO, 2003). Além das áreas produtivas, a Lei de Proteção da Vegetação Nativa (Lei nº 12.651/2012) prevê a possibilidade de utilização de SAF para a recuperação de Áreas de Preservação Permanentes (APP) em propriedades com até quatro módulos fiscais, como atividade de baixo impacto de base comunitária e familiar (BRASIL, 2012).

Os sistemas agroflorestais têm o potencial de restabelecer processos ecológicos, estrutura e função do ecossistema ao mesmo tempo em que há retorno econômico e manutenção dos meios de vida locais (MICCOLIS et al., 2016). Assim, a popularização de SAF no Brasil demonstra seu potencial de transformar realidades socioambientais, reabilitando o solo e sua capacidade de regeneração natural de ecossistemas degradados, como também as relações produtivas e humanas, visando à superação de conflitos econômicos e sociais.

Os SAF são compreendidos como uma ferramenta de Tecnologia Social (TS), quando se identifica uma possibilidade tecnológica simples, econômica e ecologicamente eficiente, onde se pode cultivar uma grande diversidade de espécies na mesma área e é facilmente adaptada à realidade de diferentes grupos sociais, que não têm acesso ao desenvolvimento tecnológico convencional. O diferencial desse tipo de tecnologia é a construção participativa, junto ao grupo social que se beneficiará da TS.

Nessa perspectiva, surgiu a proposta do projeto “Tecnologias Sociais para Valorização da Biodiversidade e do Componente Humano no Corredor Ecológico da Quarta Colônia”, que teve o objetivo de fortalecer e expandir as tecnologias sociais junto às comunidades dos municípios de Agudo, Nova Palma, Faxinal do Soturno e Dona Francisca. O projeto focou os sistemas agroflorestais como um recurso de sensibilização e transformação das comunidades alvos e seus respectivos ecossistemas, promovendo a restauração produtiva e a segurança alimentar.

As TS reconhecem a existência de problemas sociais carentes de soluções. Por adicionar o termo “Social” à Tecnologia, o conceito carrega a ideia de construção social, ou seja, trata-se de uma tecnologia que deve ser construída de forma participativa pelo conjunto daqueles que irão utilizá-la, de maneira que possa refletir seus princípios e aspectos culturais (NEVES et al., 2019).

Os quatro municípios alvos contemplam o Corredor Ecológico da Quarta Colônia (CEQC), considerado como área piloto da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica



(LINO et al., 2009; INSTITUTO CURICACA, 2016). O Parque Estadual da Quarta Colônia (PEQC) está inserido no Corredor e é considerado como a principal área de conservação da floresta estacional no RS, visto que, sua fitofisionomia foi a mais suprimida no processo de colonização. Os corredores podem reverter a realidade de espaços protegidos que não consideram as comunidades locais em sua gestão, tornando-se um espaço de continuidade natural e social, para benefício coletivo.

O Corredor Ecológico possui relevo acidentado que restringe o uso do solo e por isso é composto predominantemente por pequenas produções. Nesse cenário, surge a proposta de fomento a sistemas biodiversos, como solução tangível ao alinhamento da conservação ambiental e à produção de alimentos, promovendo bem estar social. O presente trabalho tem como objetivo discutir o papel da mulher rural como possível promotora do manejo sustentável e da conservação da sociobiodiversidade, partindo da análise de que as mulheres têm maior potencial para a aderência a programas de implantação de sistemas biodiversos, como os sistemas agroflorestais, funcionando também como uma ferramenta de empoderamento feminino.

## **Metodologia**

A região do estudo situa-se na porção central do Rio Grande do Sul, Bioma Mata Atlântica. Entre os morros ocorrem vales encaixados que se alternam entre áreas mais estreitas e áreas de grandes planícies aluviais, onde o principal cultivo é o arroz irrigado. Nas encostas e terrenos mais elevados, o principal cultivo comercial é o tabaco. A economia da região é baseada no setor primário, com destaque para as culturas de arroz, batata, tabaco e as criações animais (NARDI, 2007).

O CEQC é um reduto de conservação da biodiversidade e provisão de serviços ecossistêmicos, com 124.947 ha de zona núcleo, estendendo-se de leste a oeste pelo Rebordo do Planalto Meridional e Depressão Central do RS. (Portaria SEMA n.º 143/2014) A região, composta majoritariamente pela agricultura familiar, predispõe a iniciativas de produção sustentável e de base ecológica. Essa vocação permite que se pense em políticas públicas voltadas à agricultura familiar, mulheres e juventude rural, tecnologias sociais e restauração produtiva.

O público-alvo são famílias rurais desses municípios e o foco de análise são as mulheres rurais, sua atividade laboral e a interação com temáticas de caráter ambiental e produtivo. Nesse sentido, vinculou-se o debate às potencialidades regionais para promoção de sistemas agroflorestais, enquanto tecnologia social.

A metodologia baseia-se em um estudo de caso qualitativo com entrevistas semiestruturadas, realizadas *in loco* com o público-alvo, contendo as seguintes questões: 1) Quais atividades a mulher realiza dentro da propriedade?; 2) Já ouviu falar em SAF?; 3) Tem interesse em SAF para subsistência ou comercialização?; 4) Possui pomar e/ou horta? 5) Faz agricultura de subsistência?; 6) Cultiva espécies medicinais para consumo próprio?



## Resultados e Discussão

Dos 96 questionários respondidos, 59 foram por mulheres (61,4%), 27 por homens (28,1%) e 10 por casais que se revezaram nas respostas (11,5%). Quando surge a discussão sobre “Quais atividades a mulher realiza dentro da propriedade?”, é possível perceber a mudança no comportamento feminino na presença de seus companheiros. Quando os homens estavam presentes, eram esses a responder de forma hegemônica, reduzindo o trabalho a “atividades do lar”, mesmo quando a questão era direcionada às mulheres e essas estavam presentes. Assim como Muller (2020) exemplifica no caso da Dona Florita, que além das atividades domésticas como cozinhar, lavar roupa e louça, limpar a casa, também tira leite, cuida da horta, faz beneficiamento dos alimentos, seleciona feijão, limpa os alhos para comercialização e assim mesmo, seu marido afirma que não faz nada fora de casa. Um exemplo que representa a falta de valorização dos serviços das mulheres rurais e reflete na conjuntura como um todo.

Quando as entrevistas aconteciam apenas entre mulheres, as respostas eram detalhadas, mostrando a multifuncionalidade feminina e as tarefas que são invisibilizadas, seja nas atividades da roça (lavoura, pomares, hortas, trato animal) ou atividades do lar (alimentação, limpeza, cuidados com a família/crianças). Segundo Ramos (2014), é comum a presença do “trabalho invisível” no meio rural, a autora feminista Silvia Federici (2019) explica que o trabalho doméstico costuma ser invisibilizado, não remunerado ou mal remunerado, e é agravado quando trata-se de mulheres negras e racializadas, a invisibilização também pode ser percebida durante as entrevistas na presença dos companheiros, como mencionado anteriormente. Das entrevistadas, 30% trabalham fora da propriedade familiar, desenvolvendo atividades comerciais.

Historicamente o papel da mulher no campo era restrito ao beneficiamento dos alimentos e bem-estar da família, então cultivavam ervas para chás, temperos para as refeições nas redondezas da casa. Esse histórico tem implicações nos resultados obtidos para o número de famílias que cultivam espécies medicinais (95%) e que têm pomar e/ou horta (88%). Segundo De Almeida Costa; Marin (2022, p.10), as relações com as plantas medicinais estão associadas às tarefas do cuidado que socialmente são atribuídas às mulheres através da divisão sexual do trabalho, vinculada à ordem patriarcal.

Quando a pergunta era focada no interesse por policultivos (horta/pomar), todas as manifestações foram femininas, reafirmando a forte conexão entre as mulheres e os SAF como já foi visto por Pereira (2021) falando sobre alguns coletivos como Rede de Apoio a Mulheres Agroflorestoras (RAMA) e De Araujo (2021) com quintais agroflorestais no Amazonas. Ao serem questionados sobre sistemas agroflorestais (SAF), 54% não conheciam e outros 46% já tinham ouvido falar ou conheciam, 15% dos entrevistados teriam interesse em ter um SAF para comercializar produtos, mas os outros 85% vislumbram apenas o autoconsumo.



Totalizando a população amostrada: 57% fazem agricultura de subsistência, 95% cultivam espécies medicinais para consumo próprio e 88% possuem pomar/horta biodiverso, demonstrando um cenário predominantemente de agricultura familiar, com potencial para o desenvolvimento dos SAF, desde que inseridos a partir de abordagens estratégicas e participativas, Campolin e Feiden (2011) demonstram que a definição de metodologias participativas são o caminho para integrar os aspectos ambientais aos socioeconômicos e culturais dos sistemas a serem trabalhados.

## **Conclusões**

É fundamental desenvolver ações com as comunidades dos territórios de corredores ecológicos e entorno, para que sejam fortalecidas e se envolvam na conservação e valorização da biodiversidade local. Neste sentido, os SAF resultam numa série de benefícios e, quando manejado por mulheres, contribuem para a manutenção da saúde e bem-estar da família, além de poder expandir o trabalho e constituir uma renda extra, através da comercialização de produtos.

As mulheres entrevistadas apresentaram maior interesse em desenvolver agrofloresta, o que explica o registro do interesse por esse sistema para fins de subsistência. Aliando esses potenciais ao aspecto fundiário e de restrição de solos para uso agrícola, chega-se à perspectiva de potencial elevado da agrofloresta, como tecnologia social a ser fomentada na região.

*Trabalho desenvolvido com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).*

## **Referências bibliográficas**

BRASIL. **Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa.** Brasília – DF, 2012.

CAMPOLIN, Aldalgiza Inês; FEIDEN, Alberto. **Metodologias participativas em agroecologia.** 2011.

DA SILVA PEREIRA, Joselaine Raquel. Conexões entre mulheres e agroflorestas: diálogos de saberes para o cuidado e a cura dos corpos-territórios. **Cadernos de Agroecologia**, v. 16, n. 1, 2021.

DE ARAÚJO, M. I.; DE SOUSA, S. G. A. **Mulheres protagonistas dos quintais agroflorestais na hinterlândia amazônica,** 2021.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução** (São Paulo: Editora Elefante, 2019)



INSTITUTO CURICACA. Caderno de Resultados I – **Corredor Ecológico da Quarta Colônia**. Porto Alegre: Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Roessler; Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2016. 90p.

JALIL, Laeticia; SILVA, Luana Cristine; OLIVEIRA, Jannah. **CADERNETA AGROECOLÓGICA: A CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES PARA A SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E CONSERVAÇÃO DA AGROBIODIVERSIDADE**, v. 2, p. 100, 2019.

MICCOLIS, A. et al. Restauração ecológica com Sistemas Agroflorestais: como conciliar conservação com produção - opções para Cerrado e Caatinga. Brasília - DF. **Centro Internacional de Pesquisa Agroflorestal - ICRAF**, 2016.

MÜLLER, Helena de Lima. Agrobiodiversidade, sistemas agroflorestais e protagonismo feminino: contribuições à soberania e segurança alimentar e nutricional. 2020.

NARDI, O. **O meio rural da Quarta Colônia de Imigração Italiana como tema e cenário turístico**. 2007. 189 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria. 2007.

PENEIREIRO, F. M. Fundamentos da agrofloresta sucessional. **II Simpósio sobre Agrofloresta Sucessionais. Embrapa/Petrobras. Sergipe**, 2003.

RAMOS, Crystiane Pontes. **Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local**. *Revista Gênero*, v. 15, n. 1, 2014.

ROVEDDER, et al. A **TECNOLOGIA SOCIAL DAS AGROFLORESTAS: espécies recomendadas para o Corredor Ecológico da Quarta Colônia**. Editora CRV, Curitiba - Brasil, 2022.

SEMA – Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura. **Corredor Ecológico da Quarta Colônia**. Disponível em: <<https://www.sema.rs.gov.br/corredor-ecologico-da-quarta-colonia>>. Acesso em: 20 de jun. de 2023.

TAIT, Márcia Maria; NEVES, Ednalva Felix; GONÇALVES, Gabriel. **Agroecologia e tecnologia social como caminhos para o desenvolvimento rural integral: Uma aproximação**. *Economia e Desenvolvimento*, v. 32, p. e9-e9, 2020.